

Moacyr Scliar, um gaúcho transcultural¹

Zilá Bernd

Gostaria de iniciar agradecendo o convite para participar desta mesa que se reveste de um sentido todo especial, na medida em que revisitaremos a memória de nosso tão querido amigo Moacyr, ao mesmo tempo em que reverenciaremos a figura do escritor – Moacyr Scliar – que fecundou a literatura gaúcha e brasileira em uma dimensão que ainda não tivemos tempo suficiente para avaliar. Talvez seja bem mais ampla do que estejamos pensando agora.

Difícil acertar o tom, em um momento em que somos guiados ao mesmo tempo pela emoção de recordar um amigo e pelo desejo de dar conta do imenso impacto da obra de Scliar no contexto literário brasileiro e universal, já que ela já foi traduzida para mais de 10 idiomas.

Começo então por refletir sobre o título escolhido para este evento: um gaúcho transcultural. Em 2004, a professora Regina Zilberman e eu organizamos um coletivo em homenagem ao escritor intitulado *O viajante transcultural*, em uma alusão ao infatigável viajante que não recusava um convite, por mais humilde que fosse, para participar de feiras, lançamentos, congressos e demais atividades literárias no Brasil e no mundo, mas também ao nômade intelectual que ele era e que nas passagens de uma cultura à outra, a judaica e a brasileira, criava elementos culturais novos que deixavam de pertencer a um determinado *stock* cultural ou a outro para se hibridizarem, produzindo uma salutar literatura mareada pela heterogeneidade.

Os processos transculturais que inaugura, ao rememorar os substratos da judeidade para inscrevê-los no contexto das Américas, efetuam a reatualização da memória da imigração judaica e a inclusão da diversidade, implodindo conceitos que circunscreviam a gauchidade a um quadro exíguo de referências, ou seja, ao campeiro sul-rio-grandense. Scliar inclui o imigrante judeu no quadro da identidade gaúcha e brasileira, dando início a uma fecunda linhagem de escritores que fará dos diferentes fluxos migratórios que chegaram ao Brasil a matéria-prima de suas narrativas, como Pozenatto, com a imigração italiana, Josué Guimarães, com a imigração alemã, Salim Miguel, Milton Hatoun e Raduan Nassar, com a imigração sírio-libanesa, e, mais recentemente, Letícia Wierchowski, com a polonesa, para citar apenas alguns.

O que seduz o leitor de Scliar é seu “espírito migrante”, expressão utilizada por um escritor e poeta do Quebec, Pierre Ouellet, para se referir não apenas aos escritores que rememoram em sua ficção a saga da travessia e da adaptação dos imigrantes a um novo contexto geográfico e cultural, como aos que contemplam em suas escrituras a cultura dos países de origem e a do país de acolhida, fazendo de seu labor literário um entrelugar, um espaço de negociação de identidades. Com a expressão “espírito migrante”, Pierre Ouellet alude também ao nomadismo intelectual de certos escritores que, como o nosso Scliar, transitam por diferentes fatos literários, elegem suas ancestralidades intelectuais em diversos contextos da literatura universal, para compor obras que se tornam significativas para leitores das mais diferentes latitudes.

Scliar, escritor dos mais prolíficos e ávido leitor, efetuou trânsitos importantes em sua carreira literária, que inicia testemunhando a saga da imigração judaica em Porto Alegre e no Rio Grande do Sul, amplifica-se com a revisitação de figuras de judeus como Noel Nutts (*A majestade do Xingu*), que se desloca por diferentes espaços como a Rússia, o alto Xingu e São Paulo, tornando-se um grande defensor da causa indígena, e como Valdo, em seu último livro, *Eu vos abraço, milhões*, operário que trabalhou na construção do Cristo Redentor. Em seus últimos textos volta-se para a releitura e reescritura de mitos bíblicos, como em *Os vendilhões do templo*, *Manual da paixão solitária* e *A mulher que escreveu a bíblia*. Através de uma engenhosa capacidade de fabulação, de um raro senso de humor e de uma habilidosa prática de muitos gêneros como o conto, o romance, a crônica, o ensaio e a literatura infantojuvenil, a obra de Moacyr Scliar mantém uma impressionante coerência, voltando sempre aos temas fundamentais da alteridade, da construção de identidades heterogêneas e da diversidade. As passagens transculturais que efetua ao longo dos quase cinquenta anos de carreira literária fazem de sua obra um exemplo de enraizamento dinâmico e relacional. Seu desejo de valorizar a contribuição judaica para a cultura brasileira se dá sempre como gesto de inclusão, de generosa solidariedade, abrindo-se ao diálogo com todas as demais culturas com presença em nosso estado e em nosso país, percebendo com clareza que a recuperação da memória e a construção identitária são processos dinâmicos, não caindo nunca em armadilhas essencialistas.

Grande construtor de utopias e de um imaginário fantástico, Scliar explora os mitos fulcrais da americanidade como viagens, travessias, migrações e metamorfoses, prefigurando, no contexto das Américas, utopias de sobrevivência, recomeço e renovação, como no breve e instigante *Max e os felinos* (1981) e em *O centauro no jardim*, no qual a monstruosidade do personagem – Guedali – devido à sua dupla natureza, humana e animal, remete ao contexto multiétnico e multifacetado das Américas.

A riqueza da obra de Scliar está em grande parte associada à in-crível mobilidade de suas obras que se passam em diferentes geografias (de Jerusalém ao interior do Rio Grande do Sul, do Rio de Janeiro à Amazônia etc.) e em diferentes tempos (bíblicos e contemporâneos). Mas é, sobretudo, a mobilidade transacional que nos encanta, já que transacionar envolve negociação para se chegar a um acordo, após períodos de litígio, implicando concessões, trocas, transigências recíprocas e renovação do sentido por trânsito ou mestiçagem. Assim, de seus livros brotam lições de sabedoria no combate ao racismo, à intransigência cultural e a posturas discriminatórias. Vale lembrar a novela *Um sonho no carço do abacate*, de 1995 (que teve versão fílmica), na qual são mostradas formas de intolerância as mais diversas em relação à religião, à cor da pele, à cultura e até às ideias e aos sentimentos dos personagens. O amor do jovem de origem judaica por uma mulata nucleia a ação e serve de pretexto para o escritor mostrar as diferentes formas através das quais se manifestam o racismo e seus diversos graus de intensidade, que vão de simples brincadeiras ou piadas de mau gosto em relação a características culturais de negros e judeus a formas brutais de violência física contra o grupo discriminado. A obra literária, bem como o filme que dela resultou, pode ser lida como uma pedagogia antirracista, pois, mais do que qualquer compêndio teórico sobre o racismo, revela o quanto há de irracional na brutalidade com que se manifesta. Focaliza ainda a impossibilidade dos protagonistas compreenderem as razões pelas quais são estigmatizados, justamente porque as manifestações racistas se sustentam em argumentos falaciosos e anticientíficos baseados em uma pretensa supremacia de certas etnias ou culturas sobre outras.

Scliar sabia que o Brasil não era de fato a democracia racial que pretendia ser e alertava para o fato de vivermos ainda no “país dos sonhos improváveis”. A superação do racismo passa, na ótica de Scliar, pelo desejo de enfrentá-lo e pelo reconhecimento de que combater o racismo e seus duplos é uma tarefa de todos e de cada um.

Agradecendo mais uma vez a oportunidade de prestar esta singela homenagem ao grande amigo e ao grande escritor, cedo a palavra ao próximo orador, ainda perplexa com sua partida inesperada, sem tempo para despedidas e para as cerimônias do adeus. Ficamos todos órfãos e sem entender as razões desta viagem imprevista. Busquemos o conforto no legado maior que ele nos deixou: seus textos. A última frase do *Manual da paixão solitária* diz o seguinte: “na vida como nos sonhos, há muita coisa que a gente nunca chega a entender” (2008, p. 215).

¹ Texto apresentado em homenagem prestada a Moacyr Scliar no dia 29 de março de 2011 no Memorial do Rio Grande do Sul.